

# UMA COISA NA ORDEM DAS COISAS

ESTUDOS PARA OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

CARLOS REIS  
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES  
MARIA HELENA SANTANA

COORD.

IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS



Maria António Hörster  
Universidade de Coimbra

## **COIMBRA NO ROMANCE *JORNADA DE ÁFRICA*, DE MANUEL ALEGRE**

### **Coimbra na estrutura romanesca**

A cada releitura de *Jornada de África* (1989) ganha mais força a impressão de estarmos perante uma espécie de jogo de bonecas russas: julgamos ter surpreendido a face do romance e eis que, por detrás dela, ou de dentro dela, novas dimensões de leitura vão emergindo, sem que possa dizer-se qual a que mais justiça faz à obra, se a que se desvela à superfície, se a mais íntima e bem guardada. Num primeiro plano, o romance dá-se a ler como a crónica da guerra colonial, sendo essa a tónica de leitura colocada pela quase totalidade, se não a totalidade, da crítica<sup>1</sup>. O próprio autor terá afirmado no lançamento do romance que “é uma espécie de crónica de fim de Império, o fechar de um ciclo onde está presente o sopro de Alcácer-Quibir”<sup>2</sup>. Ainda que dando caução a interpretações mais amplas, estas palavras parecem abonar em primeira linha o destaque dado pela crítica ao tema da intervenção militar portuguesa em África a partir de 1961. E para tal não faltam as razões. Efetivamente, quer o título, que retoma o de uma crónica de Jerónimo de Mendonça, reunida por António Sérgio numa coletânea de 1924<sup>3</sup>, quer a ação do romance, que decorre na sua quase totalidade em terras africanas e tem como personagens de primeiro plano

---

<sup>1</sup> A guerra colonial constitui o foco de leitura, ainda que não de modo exclusivo, por ex. em Arnaut (1989), Ferreira (1989), J. C. (1989), Lepecki (1989), Melo (1989a), Rocha (1990 e 1997), Teixeira (1998).

<sup>2</sup> Cf. J. C., “Viver uma *Jornada de África* com a escrita de Manuel Alegre”, in *Jornal de Coimbra – Letras & Artes*, 5 de abril de 1989, p. 17.

<sup>3</sup> Essa coletânea surge identificada no próprio texto do romance com nome do editor, título, casa editora e data (Alegre 1989a: 74).

as tropas portuguesas – que ora discutem a intervenção portuguesa naqueles territórios, ora relatam episódios da guerra, ora se encontram envolvidas nos combates –, quer ainda todo o denso trabalho intertextual com o mito de D. Sebastião, levam a colocar a guerra colonial no centro da conceção do texto.

As evidentes relações com o mito sebástico, de dimensão estruturante, investem-se de significado a vários níveis: da diegese, da estrutura temporal, da conceção das personagens, da composição do tecido discursivo, bem como num outro plano ainda, que podemos considerar o estrato comentador. Assim, as ressonâncias sebásticas do título apontam não só para o tema central da diegese, o de uma campanha militar portuguesa em terras africanas, como simultaneamente detêm um valor proléptico, na medida em que criam a expectativa de um fim catastrófico, com o desaparecimento da figura central no meio do combate. Para além desta relação fundamental, o entrecruzar dos dois planos históricos conduz a toda uma gama de anacronias<sup>4</sup> bem como de anacronismos<sup>5</sup>. No que respeita à conceção das personagens, o facto de um núcleo central dos combatentes em Angola ostentar o nome de figuras que em Alcácer-Quibir ficaram estropiadas ou sucumbiram, a começar pelo protagonista, Sebastião, se por um lado é objeto de tratamento irónico por parte dessas mesmas personagens<sup>6</sup> e,

---

<sup>4</sup> Sobre o conceito de anacronia, cf. Silva 1993: 751-758.

<sup>5</sup> Chama já a atenção para estes anacronismos Clara Rocha: “Do mesmo modo são curiosos os anacronismos resultantes da sobreposição da história à História, como a identificação de naus e de aviões, de corcéis e de jipes, de reino e de Império, etc.” (Rocha 1990: 188).

<sup>6</sup> No primeiro encontro de Sebastião com o Escritor, em Luanda – marcado por meio de um jogo de “revelação” de identidades para o qual a apresentação da página 149 da crónica de Jerónimo de Mendonça “Jornada de África”, inserida na coletânea de António Sérgio *O Desejado*, na edição das livrarias Aillaud e Bertrand, 1924, funciona como santo-e-senha –, os interlocutores travam o seguinte diálogo, pleno de reflexões metaficcionalis, em que ironicamente se procura jogar com o argumento da verosimilhança e da razão, por um lado, e o do acaso e da coincidência, por outro:

– Porque é que o pôs [ao livro de António Sérgio] a fazer de credencial?

– Talvez por superstição. Sou um sebastianista do avesso.

Sebastião curva-se ligeiramente para ele:

– Por isso ou porque se chama como o autor de uma das crónicas.

– E você já reparou como se chama?

– Há várias gerações que há sempre um Sebastião na minha família. Homenagem a um avô que se perdeu em Alcácer. Agora calhou ser eu. Se isto fosse um filme, diria que é um truque para produzir efeitos especiais. Como não é, cheira-me a ficção da própria vida. A razão diz-me que não pode ser, mas o que é a razão. A verdade é que você é Jerónimo de Mendonça e eu sou Sebastião, comigo veio um que se chama Jorge Albuquerque Coelho. Pode ser um acaso, tudo afinal é acaso, mas não serão coincidências a mais?

– Talvez a imaginação nos tenha levado sem darmos por isso. Será que nos chamamos realmente assim?

– Que quer dizer?

– Quero dizer que talvez usemos pseudónimos, talvez não saibamos os nossos próprios nomes.” (Alegre 1989: 76-77).

como tal, desmascarado enquanto jogo do narrador, por outro lado aponta, se passarmos por cima desta ironia metaficcional, para uma ideia de História como repetição e sugere uma componente fatalista, uma admissão da força do destino, a que as personagens porventura não se podem eximir:

São quase dez da noite e ele ainda não sabe: algures, em Angola, o destino já está em marcha. (Alegre 1989a: 21)

Podia estar a dar o salto, mas aqui vai. Há muito que a tribo não tem senão uma vida vidinha. Talvez acredite no acaso, talvez o destino esteja a passar por ele com seu apelo e sua nau S. Gabriel sob a forma de um avião [...]. (Alegre 1989a: 26)<sup>7</sup>

A contrariar, no entanto, uma ideia das personagens como meros títeres do destino, inculcada pela sugestão de uma repetição de Alcácer-Quibir no momento presente, encontram-se numerosos passos em que se manifesta a crença no voluntarismo da ação, individual ou coletiva (cf. Alegre 1989a: 97-101, 103-107, *passim*). Este balanço entre o fatalismo e a possibilidade da intervenção pessoal está no centro do diálogo de Sebastião com o Escritor, no seu primeiro encontro em Luanda:

O Escritor ri-se.

– O que interessa é ver o que se pode fazer, se é que se pode fazer alguma coisa. Talvez sim, talvez não. Já tenho idade para perceber os limites daquilo a que alguém chamou a intervenção consciente num processo histórico inconsciente.

– Há sempre qualquer coisa que é possível fazer.

(Alegre 1989a: 73-79, cit. 78)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Cf. também os seguintes passos, em que a ideia é verbalizada pelas personagens, em tom mais ou menos irónico: “Não puxe por mim, nestes últimos tempos não tem havido senão mistério, acaso, coincidências. Ainda vou pensar que foi o destino.” (Alegre 1989a: 160);

– “Estava escrito

– Talvez, tenho a impressão de que está tudo escrito, chego a sentir-me a personagem de uma história que alguém há-de contar” (Alegre 1989a: 174).

<sup>8</sup> Esta indeterminação quanto ao carácter linear ou cíclico da História e à possibilidade de uma intervenção do indivíduo aflora repetidamente no texto, por exemplo no segundo diálogo de Sebastião com o Escritor:

“– É simples

– A História repete-se

– Não, parece que continua

– E a luta também, Vitória ou Morte” (Alegre 1989a: 164).

No que respeita à intertextualidade com a narrativa sebástica ao nível do tecido discursivo, pode dizer-se que este, a espaços, absorve o tom de crónica<sup>9</sup>, deste modo contribuindo também para gerar uma ideia de História como repetição.

Finalmente, para ajuizarmos do sentido e amplitude do gesto comentador implicado pela associação das guerras coloniais com Alcácer-Quibir, torna-se necessário entender as múltiplas componentes de um dos grandes mitos fundadores da identidade nacional portuguesa. Sem esgotar todas as camadas de sentido implicadas no mito, Ruth Tobias enuncia alguns dos seus principais vetores:

Der Sebastianismus steht für ein historisches Ereignis, einen messianischen Glauben, eine portugiesische Charaktereigenschaft, einen psychologischen Kompensationsmechanismus, eine politisch-ideologische Diskussionsgrundlage, ein mythisches Deutungsschema nationaler Geschichte und ein Symbol nationaler Identität. (Tobias 2002: 13)

[O Sebastianismo representa um acontecimento histórico, uma crença messiânica, um traço específico do temperamento português, um mecanismo psicológico de compensação, uma base de discussão político-ideológica, um esquema mítico de interpretação da História nacional e um símbolo da identidade nacional.]

Assim, tendo no horizonte o sebastianismo enquanto acontecimento histórico, e movendo-nos agora ao nível do estrato comentador, podemos retirar certamente desta remissão intertextual um juízo sobre a jornada africana do presente, vista, por referência à primeira, como decisão irracional e ao arrepio dos ventos da História, como desastre, como sacrifício da fina-flor da juventude portuguesa num empreendimento temerário e catastrófico, como perda, como encerramento de um ciclo histórico.

Torna-se necessário, no entanto, atender igualmente a outras dimensões do mito. O mito sebástico implica também o encerrar de um ciclo, que termina para dar lugar a um momento de renovação. Só assim se justifica a frase multiplamente repetida por Sebastião “Quem não Alcácer, não alcança” (Alegre 1989a: 77, 79, 163-164, 180, *passim*), que de outro modo não passaria de gratuito jogo de palavras.

---

<sup>9</sup> O registo da crónica estabelece-se também por relação a muitos outros textos históricos, como sejam as crónicas de Fernão Lopes ou a *História Trágico Marítima*.

Participar na luta em África, mesmo tendo consciência do desastre iminente, significa igualmente não abdicar de um sonho em que cabe a imaginação de um outro futuro para Portugal. Nos momentos que antecedem o grande combate final, trava-se um diálogo entre Sebastião e o Poeta, o seu *alter ego*, que inesperadamente o visita na véspera e depois o acompanha durante parte do percurso de jipe para a frente da luta:

- Se fossem só três sílabas – diz de repente Sebastião.
- O quê?
- Portugal, aqueles versos do O'Neill em que ele fala do remorso.
- «Portugal: questão que tenho comigo mesmo.»
- Isso, «meu remorso».
- «Meu remorso de todos nós...»
- Pois é, essa é a questão. *E não sei se tem remédio.*
- *Há-de ter.*
- *Oxalá.*

(Alegre 1989a: 229-230, s. m.)

Não menosprezar esta outra dimensão, prospetiva, do mito leva-nos a uma releitura do final e a uma reinterpretação do texto, não o cingindo apenas a um memorial da guerra de África. Muitas vezes, o final aberto tem sido interpretado como a morte de Sebastião<sup>10</sup>. Penso não ser essa a única leitura possível, na minha perspetiva nem mesmo, talvez, a leitura mais consentânea com o texto. Na cena final defrontam-se Sebastião e Domingos Da Luta, o mata-alferes, o combatente negro especializado na morte de alferes portugueses, que já por duas vezes falhara o tiro apontado a Sebastião:

*(Com um farrapo rasgado da própria camisa, Domingos Da Luta tenta fazer um garrote para estancar o sangue que corre do buraco feito pela bala na perna esquerda. É então que uma rajada o apanha pela cintura. Domingos Da Luta rebola pelo chão, levanta os olhos e vê: é o outro que avança, primeiro julga que é uma visão, agora tem a certeza, é ele mesmo, podia lá esquecer, ei-lo que avança*

---

<sup>10</sup> Ruth Tobias, por exemplo, sugere que, em face das contradições em que se vê envolvido, da sensação de fracasso e de impotência, da situação irresolúvel do seu amor por Bárbara, da ameaça da PIDE, da dissolução da sua auto-imagem, Sebastião escolhe o “suicídio” (Tobias 2002: 245).

*a correr e a disparar. Compreende finalmente porque duas vezes falhou o tiro: nenhum homem pode matar a sua própria morte. Num último esforço agarra a carabina, deita-se de lado e espera que ele venha.)*

– Meu alferes – grita o Furriel.

Onde é que ele já vai. Vê-se ainda o da cigarrilha cambalear e depois cair enrolado para a frente.

– O nosso alferes – pergunta o Furriel desorientado.

Entrou sozinho pelo mato dentro, sabe-se lá em direção a quê.

– O nosso alferes – repete o Furriel.

E já não o vê. Nunca mais o verá.

(Alegre 1989a: 241-242)

A intuição de Domingos Da Luta de que “nenhum homem pode matar a sua própria morte” leva a admitir que Sebastião, que já saíra ileso por duas vezes, permanecerá igualmente intocável à terceira<sup>11</sup>. Sebastião – Portugal? – desaparece da vista dos companheiros de armas, mas avança, qual Encoberto, “sabe-se lá em direção a quê”, possivelmente em direção a um futuro de natureza mítica, um renovado Quinto Império.

O romance ganha, sob esta perspetiva, novos acentos, podendo ler-se como a crónica de uma revolução, para a qual a derrota nas ex-colónias foi condição necessária. A esta luz parece então ter razão António Arnaut, quando se demarca de interpretações que veem em *Jornada de África* a epopeia da antiepopéia. Entende este crítico que no romance se encerra um ciclo, marcado pela ditadura e pelo colonialismo, com isso se abrindo a possibilidade de uma nova era de diálogo e fraternidade entre povos<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Em sentido idêntico, Teixeira, que retira, mesmo, deste final aberto a ideia da morte de Domingos Da Luta (Teixeira 1998: 185; 327). O desaparecimento final do protagonista pode também relacionar-se com o facto biográfico da deserção do próprio Manuel Alegre.

<sup>12</sup> “Contrariamente ao que tenho lido nas críticas já publicadas, não considero a *Jornada de África* um romance da antiepopéia, só por ser libertário e anti-guerra colonial, mas uma nova forma de epopeia, na medida em que, não protagonizando o herói clássico, canta, numa prosa ritmada e densa, os valores da liberdade e da fraternidade de dois povos que, afinal, lutaram por meios diferentes contra o inimigo comum: o colonialismo.” (Arnaud 1989: 19). Cf. também Teixeira: “Mas esta guerra liquidatária do Império, se é um crepúsculo agónico da portugalidade em África, é também o alvorecer pessoano e vigoroso da Lusofonia: nunca na história portuguesa houve um tão grande fim, nem um tão estimulante começo.” (Teixeira 1998: 328).

Para além ainda desta dimensão interpretativa, vamo-nos com as leituras apercebendo de que os dois últimos excertos transcritos, tanto o que evoca o mítico poema “Portugal”, de Alexandre de O’Neill<sup>13</sup>, como o do duelo final, estabelecem entre si ligações de proximidade num outro plano, porventura mais profundo, em que o autor parece ter investido muito do seu trabalho compositivo, nomeadamente, o da reflexão sobre Portugal e sobre o ser português no momento presente<sup>14</sup>. A este nível de significação, ganha estatuto de *mise en abyme* o seguinte diálogo entre Sebastião e as duas irmãs angolanas Bárbara e Madalena, que, se restringíssemos o texto a mera crónica da guerra colonial, corria o risco de tomar-se por espirituosa “conversa de salão”. Das palavras depreende-se a ideia de uma comunidade ideal entre Portugal e os povos que conosco partilham sangue, língua e afetos<sup>15</sup>:

– A nossa cultura é uma cultura de mestiçagem.

A frase saiu-lhe sem ele querer. Tenta emendar a mão e explicar que se referia ao disco com poetas angolanos e portugueses. Mas elas perceberam, sorriem, dir-se-ia que lhe agradecem. É Bárbara quem fala:

– O nosso pai é um português de Goa, a nossa mãe cabo-verdiana, pelo lado paterno temos ainda uma avó chinesa

Sebastião não se aguenta:

– «Aquela cativa que me tem cativo»

– Sem dúvida. Por causa dela é que o meu pai me chamou Bárbara

O Escritor ri, encolhe os ombros e abre os braços, como quem se resigna.

– Não me diga que fui eu quem inventou esta.

– *É tudo a mesma crónica* – responde Sebastião.

---

<sup>13</sup> Alegre varia aqui ligeiramente os versos iniciais do poema de O’Neill, que abre o volume *Feira cabisbaixa*, de 1965: “Ó Portugal, se fosses só três sílabas, / linda vista para o mar, / Minho verde, Algarve de cal [...] / Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo, / golpe até ao osso, fome sem entretém, / perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes, / rocin engraxado, / feira cabisbaixa, / meu remorso, / meu remorso de todos nós...” (O’Neill 1982: 227-228).

<sup>14</sup> A indagação de uma “ideia de Portugal” é por João de Melo apresentada como o fio condutor de toda a obra de M. Alegre (Melo 1989b: 17, *passim*): “Essa ideia de Portugal, tão insistentemente perscrutada e vivida na sua poesia, é uma espécie de pórtico que nela se abre sobre o infinito, em busca de um ideal patriótico ou de uma noção de pátria que não deva o melhor de si a uma maravilhada mas inútil ou a uma simples utopia do poeta. As pátrias têm rostos, ossos, padrões de grandeza moral e histórica – e têm misérias, olhos hirtos e mãos religiosamente frias.”

<sup>15</sup> Sobre os primórdios da ideia de uma Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, embrioiariamente sugerida por Amílcar Cabral a Manuel Alegre em 1969, cf. Alegre 1994.

Mas já Madalena põe música de fundo, marimbas, saxofone, percussão.

– Quer ouvir?

E sem esperar resposta, abre o livro e lê:

«*Sons de grilbetas nas estradas*

*Cantos de pássaros* [...]»

(Alegre 1989a: 156-157; s. m.).

Como se vê, diacronia e sincronia, História e literatura entrecruzam-se na tentativa de apreensão de uma identidade portuguesa, para tal constantemente se evocando testemunhos, da História mas sobretudo da Literatura, tanto da atualidade como do passado<sup>16</sup>.

O intuito de compreender a realidade portuguesa no momento presente justifica o recurso ao mito sebástico, que assim confirma a sua natureza de mito central da identidade portuguesa, sempre emergindo em momentos conturbados da História nacional. Ao mesmo tempo, é essa mesma auscultação da portugalidade que, em meu entender, também dá sentido à fortíssima e mais vasta rede intertextual tecida no romance, a qual, de outro modo, quase poderia aparecer como artifício gratuito<sup>17</sup>.

Entre os planos de leitura do romance como crónica de uma jornada militar em África ou, mais amplamente, como crónica de uma revolução e, ainda, como reflexão sobre o ser português, abrem-se outros espaços em que se desenham

---

<sup>16</sup> Os versos transcritos são parte do poema “Fogo e ritmo”, de Agostinho Neto, que assim entram numa comunidade ideal de língua e de espírito. Na mesma linha de ideias se pode inserir o desejo mais tarde expresso por Bárbara, a militante angolana, a “cativa” com quem Sebastião vive uma paixão amorosa, de ter um filho do alferes português.

<sup>17</sup> Clara Rocha, que valoriza o jogo intertextual nos volumes de poesia como forma de dar “um cunho de enraizamento cultural português a uma poesia de resistência”, começa por colocar algumas reticências ao uso do mesmo recurso no romance: “Menos convincente é, a meu ver, o recurso à intertextualidade e à citação explícita. [...] Embora se justifique enquanto «património» de uma geração de estudantes que vão à guerra, torna-se procedimento repetitivo e, porventura, desgastado.” (Rocha 1990: 188). Posteriormente, parece rever esta posição, quando observa, com grande pertinência: “Em *Jornada de África*, a memória poética revivificada pela jovem geração funciona como contrapartida dum discurso dominante esvaziado de sentido.” e “A polifonia é, sem dúvida, uma das estratégias discursivas mais interessantes deste romance.” (Rocha 1997: 267 e 268).

Existem estudos parciais, como o de Ruth Tobias, que exploram as relações com o mito sebástico, e encontram-se múltiplas referências à presença de intertextualidades, a maior parte das vezes enumerações dos nomes de escritores expressamente citados no romance (cf., por ex., Ferreira 1989: 13; Rocha 1990: 188), mas está por fazer o estudo exaustivo da globalidade do jogo intertextual em *Jornada de África*, o qual constituirá, segundo creio, uma das mais seguras chaves de leitura do texto.

novos vetores de significação da obra – o da ficcionalização de um percurso biográfico, o de Manuel Alegre, e o de diagnóstico de uma geração, a sua –, apresentando cada um de todos estes planos enunciados as suas dinâmicas próprias, mas também os necessários nós de interseção uns com os outros.

São múltiplos os pontos de contacto do protagonista com o indivíduo Manuel Alegre, a começar pelo retrato físico: “Sebastião, alferes miliciano de Infantaria, um metro e setenta e sete, cabelo castanho, olhos azuis, quase cinzentos.” (Alegre 1989a: 98). Com o autor real partilham Sebastião e o seu *alter ego*, o Poeta, um percurso de vida que os levou de Coimbra a Luanda, Nambuangongo e aos calabouços da PIDE, com ele partilham a oposição ao regime de Salazar e a militância política, o amor apaixonado por Portugal, os afetos literários e a consciência do poder de intervenção<sup>18</sup> e da força profética da palavra dos poetas. Sebastião não é um qualquer jovem mobilizado para uma guerra, mas um estudante universitário que, tal como M. Alegre, passou por Coimbra, viveu intensamente o ambiente académico de inícios de 60, se envolveu no combate político, partilhou dúvidas, esperanças, ideais<sup>19</sup>. Neste convívio com os outros estudantes transmite-se-nos o clima mental e emocional de toda uma geração. Que o romance tem funcionado como crónica geracional confirmam-no os muitos testemunhos de leitura empática por parte de leitores que, na sua juventude, se empenharam na luta contra uma ditadura obsoleta e se viram condenados às opções do exílio ou da participação numa guerra ao arrempeio das suas próprias convicções<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Vd. as palavras do Escritor, numa conversa com Sebastião, Madalena e Bárbara: “– De certo modo tudo começou pela poesia. O movimento nacionalista nasceu em volta de uma revista chamada *Mensagem*, repare em mais esta coincidência. Tinha como programa redescobrir Angola através da literatura, encontrar, através dela, as raízes da angolanidade. Assim a poesia se fez arma antes das armas.

– A poesia também fundou Portugal [...]”. (Alegre 1989a: 159; vd. também Alegre 1989a: 162).

<sup>19</sup> Protagonista e autor real apresentam muitas afinidades, tanto no traçado geral da vida como em pormenores, por ex., o gosto da natação, que Sebastião denota (Alegre 1989a: 145). Numa entrevista, M. Alegre informa: “Troquei depois o futebol pela natação e fui campeão nacional, em juniores e seniores, de 100 e 200 metros livres, representando a Académica. Também fui titular da Seleção Nacional A de Natação, tendo representado o País no Portugal-Inglaterra, em Lisboa, em seniores.” (Ilharco 1989: 2). Para uma vasta lista de outras ressonâncias, mais ou menos explícitas, de M. Alegre nas figuras do Poeta e de Sebastião, cf. Teixeira que, além de dados biográficos, também aponta aspetos psicológicos e ideologemas (cf. Teixeira 1998: 255-259).

<sup>20</sup> Cf. Arnaut: “Revejo toda essa gente e encontro-me neste poema-romance de Manuel Alegre, e assim confirmo que a ficção é apenas o rosto desnudado da realidade a que o artista dá o fulgor da sua arte.” (Arnaut 1989: 19); J. C.: “Mas esta *Jornada de África*, romance de guerra e amor, é também uma tocante viagem através da memória. Para sucessivas gerações de estudantes que passaram por Coimbra. E para quantos, como Manuel Alegre, fomos obrigados a partir para Angola (ou para a Guiné, ou para Moçambique), forçados a desleal guerrilha contra os nosso ideais, contra a nossa juventude.” (J. C. 1989: 17).

É à luz destas duas dimensões testemunhais, autobiográfica e geracional, que julgo ganhar sentido a presença de Coimbra em *Jornada de África*. De facto, do ponto de vista da localização da diegese, Coimbra só reclama parte de um dos trinta e cinco capítulos do romance, ainda que, posteriormente, vá revivendo na memória do alferes Sebastião no seu período de Luanda. Se lêssemos o texto apenas como crónica de uma guerra, poderíamos perguntar-nos se a cidade não representa um elemento espúrio e, mesmo, perturbador da estrutura romanesca<sup>21</sup>. Que assim não é leva-nos a crer outra afirmação de Manuel Alegre no contexto da já referida sessão de lançamento. De acordo com a mesma fonte, o escritor terá apresentado o livro também como: “Memória de uma guerra *que marcou uma geração e onde Coimbra está sempre presente*.” (J. C., 1989: 17; s. m.). Pronunciadas na cidade dos estudantes, estas palavras poderiam tomar-se como retórica de deferência para com os presentes. Assim<sup>22</sup>, e levando à conta de formulação ou reprodução apressada alguma canhesteira da expressão (o que quer dizer “onde?”), mas fazendo fé no testemunho do jornalista, teremos que ver aí um sinal da importância que o autor realmente atribui à presença de Coimbra na economia da obra, já que não se vislumbra uma relação intrínseca, de tipo metafórico ou metonímico, entre a cidade e a guerra colonial. O que significa “Coimbra”?

### Topografias coimbrãs

Se a cidade ocupa apenas parte de um capítulo de *Jornada de África*, não podemos esquecer no entanto que esse capítulo é, justamente, o primeiro, para além do que, como se disse, as vivências coimbrãs assomam em *flash-back* em vários outros capítulos. Pela voz de um narrador predominantemente heterodiegético e onisciente, que preferencialmente opta pela narração no presente do indicativo<sup>23</sup>, o leitor começa por aceder aos pensamentos de uma personagem

---

<sup>21</sup> A recensão crítica de Maria Lúcia Lepecki, por exemplo, abre com o momento em que Sebastião parte de avião para Luanda, só muito marginalmente referindo uma vez o nome de Coimbra (Lepecki 1989).

<sup>22</sup> De acordo com o *Diário de Lisboa*, essa apresentação ter-se-á realizado a 7 de março de 1989, no Hotel Tivoli, em Lisboa (*Diário de Lisboa*, 7 de março de 1989: 23).

<sup>23</sup> A atitude narrativa oscila entre a narrativa autorial e a narrativa pessoal, na terminologia de Stanzel (Stanzel 1985), havendo muitos trechos que tanto podem ser endossados à voz e visão do narrador como à voz do narrador com visão das personagens, sobretudo a de Sebastião.

que Clara Rocha considera pouco consistente (Rocha 1990: 187), e cuja conceção levanta, de facto, algumas interrogações. Trata-se da figura do Diretor Geral da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), que viera de Luanda para informar o Chefe (Salazar) “do levantamento que se prepara no Norte da província” (Alegre 1989a: 11). Apesar do nome caricatural de Lázaro Asdrúbal, é desenhado como figura de traços humanizados, normalmente considerados como muito tipicamente portugueses, como sejam o da saudade da aldeia natal, da melancolia, do sentimento de solidão<sup>24</sup>. Nascido numa pequena povoação perto de Coimbra, através dele ganham presença no romance os arredores da cidade, com a sua flora e fauna típicas: “Apetecia-lhe sentir de novo o cheiro da Primavera e ouvir o chilrear das serezinhas e dos verdilhões. Recordava-se das mimosas e das giestas em flor, é assim que gosta da Estrada da Beira [...]”, evocados ainda, mais tarde, lá de longe, de Luanda: “A ele faltam-lhe os pinheiros, as giestas, até os eucalíptos, apesar de serem tristes e de estragarem a terra.” (Alegre 1989a: 11-12; 109). De condições humildes, deve a sua formação a uma outra personagem que no romance recebe o nome de Dr. Ribeiro e para a qual julgo ter existido um modelo concreto: “O Dr. Ribeiro, republicano histórico, acreditava na instrução. Todos os anos tomava a seu cargo dois ou três rapazes sem posses, aprovados com distinção no exame da 4.ª classe. Era, dizia, uma forma concreta de combater Salazar.” (Alegre 1989a: 12).

Através das personagens de Lázaro Asdrúbal e do Dr. Ribeiro são apresentadas as forças em confronto no início da década de 60: o regime e o seu máximo responsável, apoiados pela PIDE, a oposição interna a Salazar e os movimentos de libertação das colónias. Traçado o enquadramento histórico no âmbito nacional, o primeiro capítulo prossegue num desdobramento de lugares e de planos temporais que procuram representar os vários atores cuja intervenção, a nível nacional e internacional, no micro e no macroespaços, haveria de conduzir à eclosão da guerra nas ex-colónias portuguesas em África. Através de um processo de montagem de espaços e agentes – ligados pelos princípios da unidade

---

<sup>24</sup> A figura está no romance, evidentemente, por uma das grandes forças antagonistas que, na época, estiveram em jogo e de que o próprio M. Alegre foi vítima. Será que, para além disso, ao traçar o seu retrato social e psicológico, M. Alegre pretendeu também encontrar a razão para a adesão à PIDE de uma faixa sensível da população portuguesa? Inteligente, Lázaro Asdrúbal nasceu de uma família sem posses e, num momento de autoavaliação, considera que “Está na polícia por vocação, sempre *teve o instinto da ordem e da autoridade*, mas agora sente que a carga é pesada demais, precisava de se abrir, nem que fosse com um velho inimigo do Chefe.” (Alegre 1989a: 12; s. m.).

temática, da oposição (“São sete e meia da tarde, e chove em Coimbra. Na sua cela da prisão do Aljube, em Lisboa, Agostinho Neto [...]”) (Alegre 1989a: 17), da repetição (“Entretanto chove em Coimbra.”; “São sete e meia da tarde, e chove em Coimbra.”; “Continua a chover em Coimbra.”; “Vê as gotas de chuva a bater na vidraça [...]”) (Alegre 1989a: 15; 17; 18; 19), mas, sobretudo, da simultaneidade – veja-se a ostensiva repetição anafórica do advérbio “algures” (Alegre 1989a: 14, 17, 19, 21)<sup>25</sup> ou a presença de advérbios de tempo como “entretanto” e “agora” – são-nos apresentados o director da PIDE e os arredores de Coimbra, as iniciativas dos movimentos nacionalistas africanos em Londres e em Paris, ações internas de oposição a Salazar em Lisboa e no México, Sebastião e as movimentações estudantis em Coimbra, tendo todas estas cenas em comum a denúncia da insustentabilidade da ditadura salazarista e do regime colonial português. Numa oscilação centrífuga e centrípeta dos espaços, o narrador vai-se aproximando cada vez mais de um foco, Coimbra, os espaços abertos cedem lugar a um espaço fechado e o leitor é conduzido ao protagonista, no seu ambiente íntimo:

Entretanto, chove em Coimbra. Sebastião destracha a capa e estende-a nos braços da cadeira, junto ao aquecedor, no seu quarto da Avenida Dias da Silva, por cima do Café, ao lado do lar das Doroteias. Acaba de assistir à tomada de posse da nova Direcção-Geral da Associação Académica, eleita em Maio.

(Alegre 1989a: 15)

Imediatamente caracterizado como estudante que participa nos movimentos estudantis, Sebastião recolhe-se agora ao seu quarto. O quarto era para nós, estudantes que vínhamos de fora, o lugar onde se concentrava a vida, o espaço nu em que nos encontrávamos a nós mesmos e em que íamos tomando consciência dos laços que nos uniam à família, cujo aconchego deixáramos para trás, e projetávamos a relação que iríamos estabelecer com o vasto mundo. No quarto se estudava, se conversava, se esgrimiam argumentos, se trocavam ideias, se convivia pela noite adentro. No volume de versos *Coimbra nunca vista*, roteiro coimbrão com que *Jornada de África* entra em estreita relação

---

<sup>25</sup> O princípio da simultaneidade dos acontecimentos em espaços muito afastados é de novo aplicado com frequência nos últimos capítulos, em que se retoma a repetição anafórica de “algures”. Cf., por ex., pp. 197-198, 203, 208, 219, 223.

de intertextualidade, M. Alegre dedica um poema a esse espaço de aventuras afetivas e intelectuais, que termina com os seguintes versos:

“O quarto”  
[...]  
Intensamente uma luz brilhava.  
Era o quarto: lá onde a noite se tecia  
de música e palavra.  
  
E devagar Coimbra amanhecia.  
(Alegre 1995a: 35)

No romance, essa célula é de imediato invadida por duas grandes forças do exterior, que representam dois chamamentos diretamente dirigidos ao protagonista: a poesia, na voz de Herberto Helder, e o apelo à militância política nos quadros do PCP, na pessoa de Pança, que visita Sebastião e diante dele desembulha um exemplar do *Avante*, procurando convencê-lo a finalmente aderir ao partido. Aos argumentos deste estudante comunista, Sebastião responde com a leitura de um trecho do poema “O amor em visita”, de Herberto Helder (Helder 1990: 18-25). O poema, em que se manifesta um “erotismo sagrado” [que] subsume em si, na verdade, tanto o ‘erotismo dos corpos’ como o ‘erotismo dos corações’<sup>26</sup>, surge largamente transcrito no romance:

*«Ó cabra no vento e na urze, mulher nua sob  
as mãos, mulher de ventre escarlate onde o sal põe o espírito  
mulher de pés no branco, transportadora  
da morte e da alegria!*  
  
*Dai-me uma mulher tão nova como a resina  
e o cheiro da terra.  
Com uma flecha em meu flanco, cantarei.»*  
[...]

---

<sup>26</sup> Cf. Seabra 1997: 188. Neste belíssimo artigo, J. A. Seabra traça uma linha evolutiva da lírica amorosa portuguesa, para nela encontrar o lugar de posição do poema de H. Helder.

- Isto sim, isto é revolucionário – diz Sebastião.  
– Não é feio – concede o outro, que não consegue ser insensível à boa poesia –.  
Mas não passa de esteticismo pequeno burguês – acrescenta, irritado.  
– Aristocrático – corrige Sebastião.  
(Alegre 1989a: 16-17)

Com grande economia, o breve diálogo não só dá conta do debate então em curso sobre a função da literatura e evidencia a posição do setor neo-realista, que lhe atribuía exclusivamente o papel de arma de intervenção no processo político, como traça perante nós a necessidade de definição existencial por parte de Sebastião. Visto pelo colega como “tipo fixe [...] mas talvez irremediavelmente individualista. Por temperamento, por origem de classe [...]”, embora convencido da “necessidade da ação revolucionária” (Alegre 1989a: 22), Sebastião escolhe a poesia<sup>27</sup> e, na medida em que adere ao potencial revolucionário de um erotismo vivido sem rebuços, sintoniza com aquela onda internacional juvenil da década de 60, que via na libertação sexual uma forma de ataque à moral vigente e aos regimes estabelecidos.

Espaços coimbrãos privilegiados para a união amorosa e vivência dos afetos são o romântico Jardim da Sereia (Alegre 1989a: 18-19; 20; 75), os então bairros periféricos dos Olivais e Celas e as proximidades do, à época, distante Penedo da Meditação<sup>28</sup>, bem como, ainda, alguns recantos do Parque à beira do Mondego<sup>29</sup>.

Era o tempo em que sabíamos de cor os versos de Jacques Prévert:

Les enfants qui s'aiment s'embrassent debout contre les portes de la nuit  
Et les passants qui passent les désignent du doigt  
Mas les enfants qui s'aiment ne sont là pour personne  
Et c'est seulement leur ombre qui tremble dans la nuit,  
Excitant la rage des passants.

---

<sup>27</sup> Ao contrário da personagem, M. Alegre veio temporariamente a filiar-se no PCP.

<sup>28</sup> “Sebastião recorda outros risos e outras vozes, o jogo dos olhos e das mãos, fogueiras de São João nos Olivais e em Celas, as coxas abertas sobre a relva. Junto ao Penedo da Meditação havia uma casa com um velho jardim. Uma noite Sebastião saltou o muro e puxou depois a namorada. Deitou-a sobre as folhas, era Setembro, ela gemia, chorava e gemia, um fio de sangue escorria em suas pernas.” (Alegre 1989a: 37).

<sup>29</sup> Sobre a evolução dos espaços da cidade no séc. xx, cf. Nogueira 2006, que apresenta documentação fotográfica.

[...]

versos que leio por sob as palavras do texto:

Até o amor é clandestino, não há espaço, não há sítio, veja-se os namorados que se amam de pé, debaixo de um guarda-chuva, num recanto escondido da Sereia.

(Alegre 1989a: 20).

Para além do quarto e dos cenários amorosos, outros espaços da cidade são brevemente evocados no romance, como a Avenida Dias da Silva, onde M. Alegre começou por viver aquando da vinda para Coimbra, numa casa por cima do concorrido Café Madeira<sup>30</sup>, estabelecimento que muito beneficiava da proximidade com o lar das Doroteias, residência de uma multidão de estudantes do sexo feminino. Maior destaque merece a Praceta da mesma avenida, para onde haveria seguidamente de mudar-se:

Sentado na cama, algures, talvez na Praceta Dias da Silva, está o poeta, o narrador, quem sabe quem. Acaba de ler mais uma vez a Balada do Amor e da Morte do Alferes Cristóvão Rilke. Gostaria de escrever assim, Mallarmé tem razão, a prosa não existe.

(Alegre 1989a: 19)

Esta evocação da Praceta tem, portanto, base autobiográfica, mas a imediata associação a Rilke convida a estabelecer a relação com Paulo Quintela, que também aí residia. Figura coimbrã de referência para Manuel Alegre, que lhe dedica o poema “Paulo Quintela”, na obra *Coimbra nunca vista*<sup>31</sup>, Quintela foi, além de professor de Filologia Germânica, diretor do Teatro dos Estudantes

---

<sup>30</sup> Agradeço esta informação a Teresa Alegre, que também referiu o conhecimento que M. Alegre aí travou com figuras que haveriam de ficar seus amigos para sempre, como Fernando Assis Pacheco, e o convívio com outras personalidades, que moravam na proximidade imediata dessa casa, como Yvette K. Centeno, Luís Góis, Artur Marinha de Campos.

<sup>31</sup> No poema, a imagem de Paulo Quintela é a de mestre de teatro e de vida: “Nada sabíamos da língua portuguesa/ e então sílaba a sílaba ele ensinou-nos/ a música secreta das vogais/ a cor das consoantes a ondulação o ritmo/ o marulhar das frases e o seu/ sabor a sal. // E também como pisar um palco/ como falar como calar e sobretudo/ como sair de cena e entrar/ no grande teatro deste/ mundo. // Porque tudo era proibido e ele nos disse/ que tudo pode ser ousado/ desde que se aprenda a entrar a tempo/ a colocar a voz e a não perder/ a alma.” (Alegre 1995a: 67)

Universitários de Coimbra (TEUC), de que Manuel Alegre fez parte. Tradutor famoso, sobretudo de escritores de língua alemã, verteu para português uma parte considerável da obra de Rainer Maria Rilke, autor de predileção de Manuel Alegre que, em muitos passos da sua vasta obra, nomeadamente no romance em apreço, apresenta testemunhos de receção produtiva seja desta “Balada”, seja do *Malte* seja ainda das *Elegias de Duíno* (cf. Hörster 1993; 1996; 2000).

De entre os espetáculos do TEUC, refira-se a representação da *Antígona*, a 26 de Agosto de 1961, em Montemor-o-Velho, que Sebastião relembra ao ouvir relatos de guerra da boca dos soldados, os mensageiros da atualidade:

Sebastião recorda-se: Antígona, o Mensageiro, uma noite no castelo de Montemor-o-Velho. É o mesmo tom, uma certa maneira de contar. Ele é o Mensageiro, vem anunciar o que todos pressentem mas não ousam confessar a si próprios. A verdade, diz Sófocles, está sempre certa.

(Alegre 1989a: 46)

As repúblicas estudantis, que constituem um outro emblema da cidade, não deixam de comparecer neste primeiro capítulo. Fiéis à tradição de centros de convívio e de boémia, as repúblicas tornaram-se naquele período baluartes de ação política, extremando-se os campos: havia repúblicas de esquerda e repúblicas de direita. No romance, Sebastião e, posteriormente, Pança deslocam-se à República dos Kágados, para festejar a tomada de posse da nova Direção da Associação Académica, uma direção de esquerda:

Estão sentados em volta de uma mesa de pinho. Canta-se e bebe-se, a caneca passa de mão em mão. «*E se a loucura da sorte/ Assim nos quiser perder/ Abre os teus braços de morte/ E deixa-nos aquecer.*» Música de Lopes Graça, letra de Carlos de Oliveira. Cantam em coro canções heróicas, algo está a mudar em Coimbra. Talvez a própria fraternidade: não já apenas o vinho, a graça, a boémia. De certo modo há uma tristeza, uma tristeza forte e nova, no fundo daquela alegria. Sim, tristeza e raiva, como nas antigas canções russas. Algo está a mudar, algo se anuncia. Veja-se, por exemplo, a guitarra: mais áspera, mais rude, quase dissonante, dir-se-ia que também ela procura uma nova harmonia.

(Alegre 1989a: 23-24)

Até o espaço fechado da república, num momento destinado à celebração de uma vitória política, é invadido pelo clima exterior, misto de tristeza e raiva, que a tudo se sobrepõe. A canção que entoam, uma das “canções heróicas” do musicólogo opositor ao regime Fernando Lopes-Graça (1906-1995), com versos do poeta neo-realista Carlos de Oliveira (1921-1981), fora publicada na obra *Marchas, danças e canções*, vinda a público em 1946, depois apreendida pela censura e impedida de ser cantada em espetáculos ou sessões públicas<sup>32</sup>. É, pois, um canto de resistência, o destes “repúblicos”, veiculando as palavras de Carlos de Oliveira, entoadas neste novo contexto histórico, para além do apelo à luta social e política que comportam desde a sua primeira publicação, a expressão de insegurança e angústia existenciais desta juventude, com o fantasma da guerra no horizonte. A música, elemento de grande impacto político no mundo estudantil coimbrão de 60, aparece como suporte de um clima epocal de contestação, de rompimento com o passado, e o fado e as baladas da época, não só de Zeca Afonso e de Adriano Correia de Oliveira, passam a reunir o elemento mais puramente lírico e o apelo político<sup>33</sup>.

Locais de circulação e concentração de estudantes eram também a sede da Associação Académica, deslocada para o Palácio dos Grilos depois da demolição

---

<sup>32</sup> Esta obra, com capa de Vespeira, inclui poemas de Armindo Rodrigues, Arquimedes da Silva Santos, Carlos de Oliveira, Edmundo Bettencourt, João José Cochofel, Joaquim Namorado, José Ferreira Monte, José Gomes Ferreira e Mário Dionísio. Os poemas, conforme Lopes Graça afirma no prefácio, foram solicitados aos poetas que representam a poesia que se “batisou de neo-realista, a que no *Novo cancionero* teve a sua primeira manifestação histórica” e “se presta melhor do que qualquer outra ao nosso cometimento” (Graça 1946: 6). É interessante o valor utilitário (lembra-se o conceito brechtiano de “Gebrauchslyrik”) atribuído por Lopes Graça a este cancionero ao serviço do povo, que se pretendeu corresponder “ao conteúdo actual da sua consciência” e é colocado à disposição do utilizador, que o poderá manipular e adaptar à medida das suas necessidades (Graça 1946: 6-7). Um dos poemas de C. de Oliveira, “Mãe pobre”, tem o seguinte texto: “Terra Pátria serás nossa, / mais este sol que te cobre, / serás nossa, / mãe pobre de gente pobre. // Terra Pátria serás nossa, / mais os vinhedos e os milhos, / serás nossa, / mãe que não esquece os filhos. // Com morte, espadas e frio, / se a vida te não remir, / faremos da nossa carne / as searas do porvir. // Terra Pátria serás nossa, / livre e descoberta enfim, / serás nossa, / ou este sangue o teu fim. // E se a loucura da sorte / assim nos quiser perder, / abre os teus braços de morte/ e deixa-nos aquecer.” (*ibidem*: 40-41).

<sup>33</sup> O lirismo sentimental tem entre nós, ao que julgo, pela empatia que gera, um potencial emocional que o transforma em arma, disponível para ser utilizada em muitos contextos. Os movimentos estudantis coimbrãos viveram muito da emoção lírica levada ao auge, misturada, como se diz no texto, com um sentimento de raiva, de revolta e de desejo de mudança. Não esqueço um comentário de Wolf Biermann, que veio a Coimbra, fazer um espetáculo, a convite do Goethe-Institut. Em conversas à roda do espetáculo, Biermann deu conta da sua estranheza ao ver Zeca Afonso pela primeira vez: “Ist das ein Revolutionär?” [É este um revolucionário?] E, no entanto, mesmo sob a capa do que a estranhos poderia aparecer como brandura e inerme lirismo, Zeca Afonso foi sem dúvida um revolucionário.

da Alta, palco de uma cena que Sebastião evoca a partir do teatro da guerra, em Angola:

(E está a vê-lo em cima da tribuna, é noite de Assembleia Magna no Palácio dos Grilos, a instalação sonora difunde uma balada de Adriano, Capa Negra Rosa Negra, Leandro sacode a melena, dentro em pouco falará de liberdade e autonomia, a sua guerra era outra, agora jaz morto, um tiro no pescoço, quem sabe se lá em casa haverá preces).

(Alegre 1989a: 40)

Brevemente referido é também o então famoso café “Mandarim”, na Praça da República, lugar de circulação dos grupos de esquerda na época – agora ironicamente transformado em restaurante da McDonald’s: “Outras vezes chegava ao *Mandarim* e diziam-lhe alvoroçadamente: estiveram aqui os tipos da PIDE à tua procura. Chamavam-no ao telefone a meio da noite, uma voz neutra silabava-lhe lentamente o nome de um amigo preso, depois outra gritava: Amanhã és tu.” (Alegre 1989a: 72).

Componente integrante do espírito conimbricense, muito mais viva naquela época do que no momento actual, era a vibração com as vitórias e as derrotas do grupo de futebol estudantil, a Académica, a Briosa, então formada por estudantes desportistas não profissionalizados<sup>34</sup>. O próprio Manuel Alegre jogou na equipa de juniores do clube<sup>35</sup>. No romance, a mística do clube estudantil é ironicamente recriada em torno da personagem do alferes Jorge, que jaz no leito do hospital, onde lhe foi amputada uma perna. No meio de ligaduras e de tubos, quase sem dar acordo de si, é para a Académica que vão os pensamentos de Jorge, quando Sebastião o vai visitar:

– A Académica – pergunta Jorge muito baixo.

---

<sup>34</sup> A imprensa alemã de então referia-se a esta formação desportiva como “Die Studentenfelf aus Coimbra”, assim sinalizando o carácter não comum desta equipa.

<sup>35</sup> “Adora o desporto. Os seus clubes são a Académica e o Benfica. Se estas equipas se voltassem a defrontar, torceria pela Académica «mesmo que isso custasse o campeonato ao Benfica...» (Ilharco 1989: 2). Ele próprio informa: “Em Coimbra, joguei futebol nos juniores da Académica com o Corado, o Jorge Humberto, o Manecas e o Cristóvão. Fomos à final do Campeonato Nacional de Juniores com o Benfica e perdemos por 4-0. O treinador era o Nana.”. Cf., também, Alegre 1995a: 141-143.

Sebastião está a vê-lo com a camisola número onze, é o Campo da Amorosa, em Guimarães, a Académica tem de ganhar para não descer, é o penúltimo jogo do campeonato, do lado do peão só se vêem capas negras, aí está o Jorge com a bola nos pés, deixa para Miranda que atrasa para André, Golo, gritam milhares de vozes no Campo da Amorosa, nunca houve um jogo assim, foram 5 a 4 a favor da Académica, onde está o pé esquerdo que fazia maravilhas.

Sebastião consegue controlar-se

– A Académica lá vai, não te aflijas.

(Alegre 1989a: 171)

Mas Coimbra é também o Largo da Portagem, indissolúvelmente ligado ao médico e poeta Miguel Torga (1907-1995), figura de resistente incorruptível, que passou a vida a auscultar o ser português e é tomado como uma espécie de consciência moral da nação:

Então lembra-se do que lhe disse o velho poeta no seu consultório sobre o Largo e sobre o mundo, estava ele com a bata branca vestida às três pancadas e Sebastião falava da perdição em que se Portugal achava:

– É preciso ser contra isto para ser por isto.

(Alegre 1989a: 42)

O Largo é ainda recordado por Sebastião, repleto de gente aquando da visita de Humberto Delgado à cidade durante a sua campanha em 1958 (Alegre 1989a: 71), bem como o Teatro Avenida, onde, na noite desse dia, se realizou um comício, em que Jaime Cortesão tomou a palavra para acusar o regime (Alegre 1989a: 71)<sup>36</sup>.

Praticamente ausente está a parte monumental da cidade, seja da Baixa ou da velha Alta. Da Universidade que, de acordo com o texto romanesco, se engalanara para receber a visita do Presidente<sup>37</sup>, passa a imagem de reacionarismo e

---

<sup>36</sup> M. Alegre, que dera os primeiros passos no MUD juvenil em 1956, em 1958 faz parte da Comissão Académica de Apoio a Humberto Delgado (Ilharco 1989: 2).

<sup>37</sup> Apesar de diversas consultas, não foi possível até agora colher informação segura sobre possíveis planos de uma visita à Universidade de Coimbra, naquele ano, pelo Presidente do Conselho (Salazar) ou pelo Presidente da República (Américo Tomás).

adesão ao regime. Referidos são apenas os Gerais e a Porta de Minerva, alvo do assalto de Sebastião e seus companheiros:

(Só que o velho não foi a Coimbra. Sebastião ri-se para dentro: o sacana do velho não foi lá. Estava tudo preparado para o jubileu, notícias na imprensa, letras de oiro nas paredes dos Gerais, discursos escritos, borlas e capelos a dar a dar. Mas uma noite, era uma noite escura e fria, uns poucos, eram poucos e talvez loucos, treparam descalços a Porta de Minerva, levavam martelos e picaretas, um balde de tinta e alguns pincéis, chegaram embuçados aos Gerais, escavacaram as letras de oiro e escreveram ABAIXO SALAZAR [...]).

(Alegre 1989a: 27-28)

Ligação ao mundo, cais de embarque para outras paragens, é a Estação Velha, na década de 60 lugar de despedidas e de lágrimas, como na cena em que o pai de Sebastião o acompanha quando este inicia a viagem rumo a Angola: “Na Estação Velha, em Coimbra, as lágrimas abriram grandes sulcos no rosto do pai. De um momento para o outro ficou velho.” (Alegre 1989a: 178).

De uma maneira geral, a imagem topográfica da cidade reflete rigorosamente a realidade urbana<sup>38</sup>, redesenhando no essencial grande parte dos percursos do estudante Manuel Alegre.

Como se viu, os espaços físicos da cidade, conservando é certo alguma da sua aura mítica, passam no entanto a ser povoados exclusivamente por cenas, episódios, imagens que os remetem para dois semas centrais: situação política de ditadura e vivência amorosa. A Coimbra recriada em *Jornada de África* é, em larga medida, uma cidade de estudantes, mas não aquela Coimbra estroina e boémia ou romântica e de um lirismo estreme, aquela Coimbra “do Choupal até à Lapa” sempre evocada nos fados<sup>39</sup>. Persiste a vibração romântica, sobretudo pelo excessivo de todas as paixões, pela omnipresença da díade Amor e Morte, mas Coimbra é aqui sobretudo um espaço em ebulição, politizado e revolucionário,

---

<sup>38</sup> Julgo verificar-se uma confusão entre a rua Lourenço de Almeida Azevedo, aquela que efetivamente desce do Largo de Celas para a Praça da República e para o Jardim da Sereia, com a rua António José de Almeida (Alegre 1989a: 18-19). Sobre a evolução da cidade desde inícios do séc. xx à atualidade, cf. Nogueira, 2006, que inclui alguma documentação fotográfica.

<sup>39</sup> Ao que me parece, a componente lírico-romântica do imaginário coimbrão é bastante mais sensível em *Coimbra nunca vista*.

fundamentalmente atravessado pelas duas linhas isotópicas referidas: i) o clima de contestação política estudantil e de luta pela liberdade, com as duas componentes da oposição interna a Salazar e da guerra de África a perfilar-se no horizonte e, por outro lado, ii) o movimento de libertação sexual. Não são domínios estanques, antes se interpenetrando mutuamente, como bem demonstra o seguinte trecho, largamente transcrito por captar de forma belíssima esse momento, com os dilemas e as angústias que se abateram sobre uma geração:

Passeava com ela uma tarde no Parque, quando de repente percebeu: a guerra já estava ali. Havia uma sombra por dentro dos rapazes e raparigas que se sentavam à beira do rio. Eles riam, falavam, beijavam-se, sentavam-se de mãos dadas nos bancos de pedra. Mas uma sombra crescia dentro deles, escurecia o olhar, apagava de súbito os risos e as conversas. Podia ver-se então os rapazes olhando para nenhures como quem procura uma saída e não a encontra. As raparigas chamavam-nos ternamente, faziam-lhes festas, mas eles continuavam perdidos em si mesmos. Estavam cercados, de um lado o mar, do outro a Espanha. Ir à guerra ou não ir, África ou França. Era uma geração obrigada a conjugar na primeira pessoa o verbo matar e o verbo morrer. Há muito que tal não acontecia. Por isso os risos de repente se calavam e uma sombra crescia. Era algo que se respirava e quase se tocava, nas aulas, nos recreios, nos cafés, no Parque, nas ruas, nos gestos mais simples, como quando um garfo ficava suspenso ou as mãos agarravam um copo sem o levar à boca. Ninguém perguntava nada aos que sem uma explicação se levantavam da mesa ou aos que ficavam sentados na beira da cama, de sapato na mão e olhar ausente. Não admira que os hábitos tivessem mudado. As raparigas entregavam a virgindade sem cálculo nem resistência. De certo modo era um desafio, uma forma de camaradagem, um acto de rebelião e cumplicidade que profundamente subvertia tudo. As guitarras endureciam, as canções mudavam de tom e de sentido.

(Alegre 1989a: 69-70)

O passo denota bem a invasão do quotidiano pela ideia da morte, a sensação de claustrofobia e o dilema que se colocou sobretudo aos elementos masculinos daquela juventude, entre “dar o salto”, como então se dizia (cf. Alegre 1989a: 26), tendo sobretudo a França como destino, ou ir para a guerra.

Interessantes são também a representação feminina e masculina e a diferença dos papéis atribuídos aos dois sexos<sup>40</sup>. Sem atividade política expressa, as estudantes estão quase exclusivamente ligadas à isotopia do amor, passando tão-somente pela entrega amorosa a sua afirmação de rebeldia e de contestação. A elas cabe-lhes sobretudo amar, acompanhar, compreender, enquanto eles são os verdadeiros protagonistas, chamados à intervenção política, ao combate, à prova da coragem física e ao risco da morte.

Traçado este roteiro, julgo poder responder-se à pergunta lançada na primeira parte do texto. “Coimbra” significa uma estação da biografia exterior e interior de Manuel Alegre e da sua personagem Sebastião, e, simultaneamente, o clima vivencial de uma grande parte da juventude portuguesa em inícios de 60. A experiência política adquirida em plena crise académica, os ideais de liberdade consolidados no convívio com os outros da sua geração e com figuras de referência de gerações anteriores, como Jaime Cortesão ou Miguel Torga, as opções existenciais delineadas, o profundo interesse pela grande literatura e pela História, fazem parte da bagagem que Manuel Alegre e Sebastião levam quando partem de Coimbra para a sua jornada de África.

---

<sup>40</sup> O artigo de R. Bebiano e A. Silva apresenta uma sugestiva imagem do papel da jovem portuguesa neste período, a propósito da polémica que estalou em Coimbra em 1961, com a publicação, na *Via Latina*, de uma “Carta a uma jovem portuguesa”. A carta, da autoria de Artur Marinha de Campos, que pertencia ao círculo de convívio de M. Alegre, desencadeou reações apaixonadas e intervenções dos mais variados quadrantes, tendo extravasado largamente do meio coimbrão (cf. Bebiano /Silva 2004).

## BIBLIOGRAFIA

### Textos

- ALEGRE, Manuel (1989a): *Jornada de África*, Lisboa: Publicações Dom Quixote/ Círculo de Leitores.
- ALEGRE, Manuel (1989b): *O canto e as armas. Praça da canção, O canto e as armas, Um barco para Ítaca, Letras, Coisa Amar*. Apresentação de João de Melo, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ALEGRE, Manuel (1994): “O outro lado da alma”, in: *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 22 de junho, p. XXXI.
- ALEGRE, Manuel (1995a): *Coimbra nunca vista*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ALEGRE, Manuel (1995b): *Alma*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GRAÇA, Fernando Lopes (1946): *Marchas, danças e canções. Próprias para grupos vocais ou instrumentais*, Lisboa: Seara Nova.
- HELDER, Herberto (1990): *Poesia toda*, Lisboa: Assírio e Alvim.
- O’NEILL, Alexandre (1982): *Poesias completas. 1951-1981*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- RILKE, Rainer Maria/ Quintela, Paulo (1943): *A balada do amor e da morte do alferes Cristóvão Rilke*, Coimbra: Publicação do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra.

### Bibliografia crítica

- ARNAUT, António (1989): “A Jornada de África» de Manuel Alegre”, in: *Diário de Lisboa*, 29 de março, p. 19.
- BEBIANO, Rui/ Silva, Alexandra (2004): “A reidentificação do feminino e a polémica sobre a ‘Carta a uma jovem portuguesa’”, in *Revista de História das Ideias*, vol. 25, pp. 423-454.
- FERREIRA, Serafim (1989): “O canto e a memória em tempo de guerra”, in: *O Diário – Fim de Semana*, 29 de abril, pp. 12-13.
- HASEBRINK, Gesa: “Quo vadis? Der portugiesische Roman nach der Nelkenrevolution”, in: Briesemeister, Dietrich/Schönberger, Axel (Hrsg.): *Portugal heute. Politik, Wirtschaft, Kultur*, Frankfurt a.M.: Vervuert Verlag, pp. 515-528.
- HÖRSTER, Maria António (1993): “L’important c’est la rose’. Uma leitura de Rilke nos nossos anos 60 e 70”, in: *Runa*, n.º 20 – (2/ 1993), pp. 161-171.
- HÖRSTER, Maria António (1996): “Subsídio para um estudo da figura do herói na literatura portuguesa do séc. xx. Fragmentos de diálogo de escritores portugueses com Rainer Maria Rilke e Bertolt Brecht”, in *Portugal – Alemanha – África. Do colonialismo imperial ao colonialismo político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Coord. de A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara, Lisboa: Edições Colibri, pp. 277-286.

- HÖRSTER, Maria António (2000): “Wer, wenn ich schrie, hörte mich denn aus der Engel Ordnungen?”. Alguns ecos portugueses a um verso de Rilke”, in: *A palavra e o canto*. Miscelânea de homenagem a Rita Iriarte. Organização do Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa: Edições Colibri, pp. 289-300.
- HÖRSTER, Maria António (2001): *Para uma história da recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- ILHARCO, Simões (1989): “Cargos públicos que exerci ainda hoje me dão pesadelos”, in: *Diário de Notícias*, Caderno – 2, 15 de abril, pp. 2-3.
- J. C. (1989): “Viver uma «Jornada de África» com a escrita de Manuel Alegre”, in: *Jornal de Coimbra – Letras & Artes*, 5 de abril, p. 17.
- LEPECKI, Maria Lúcia (1989): “Um notável romance de estreia em prosa”, in: *Diário de Notícias*, 21 de maio, pp. 8 e 15.
- MELO, João de (1989a): “Da epopeia à subversão dos seus mitos”, in: *Jornal de Letras*, 14 de março de 1989, pp. 16-17.
- MELO, João de (1989b): “Manuel Alegre: Das errâncias e do retorno aos mitos patrióticos”, in: Manuel Alegre *O canto e as armas. Praça da canção, O canto e as armas, Um barco para Ítaca, Letras, Coisa Amar*. Apresentação de João de Melo, Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 15-24.
- NOGUEIRA, Isabel (2006): “Coimbra: Alguns aspectos da evolução da cidade do início do século xx aos nossos dias”, in: *Biblos* n. s., IV, pp. 255-297.
- ROCHA, Clara (1990): “Manuel Alegre. *Jornada de África*, Lisboa, Publicações Dom Quixote – Círculo de Leitores/ 1989”, in: *Colóquio. Letras*, N. 115-116, maio-agosto, pp. 187-188.
- ROCHA, Clara (1997): “*Jornada de África*: Determinação e autodeterminação do herói”, in: *Máthesis*, 6, pp. 261-269.
- SEABRA, José Augusto (1997): “O amor revisitado num poema de Herberto Helder”, in: *Máthesis*, 6, pp. 183-191.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1993): *Teoria da literatura*, 8.<sup>a</sup> edição, Coimbra: Livraria Almedina.
- STANZEL, Franz K. (1985): *Theorie des Erzählens*, 3., durchgesehene Aufl., Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- TEIXEIRA, Rui de Azevedo (1998): *A guerra colonial e o romance português. Agonia e catarse*, Lisboa: Editorial Notícias.
- TOBIAS, Ruth (2002): *Der Sebastianismo in der portugiesischen Literatur des 20. Jahrhunderts. Zur literarischen Konstruktion und Dekonstruktion nationaler Identität am Beispiel eines Erlösermythos*, Frankfurt a. M: TMF-Verlag Teo Ferrer de Mesquita.